

ARTE SEM LIMITES

CÔA &  
SIEGA  
VERDE



ARTE SEM LIMITES

CÔA &  
SIEGA  
VERDE

## EXPOSIÇÃO

LISBOA | JULHO - OUTUBRO '22  
MADRID | NOVEMBRO '22 - FEVEREIRO '23

## ORGANIZAÇÃO

Junta de Castilla y León e Fundação Côa Parque

## PARTICIPAÇÃO

Museu Nacional de Arqueologia (Lisboa), Museu de Arte Popular (Lisboa) e Museo Arqueológico Nacional (Madrid)

## FINANCIAMENTO

Interreg Espanha-Portugal | Programa Paleoarte | Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional

## EXPOSIÇÃO

### Comissários

Thierry Aubry | José Javier Fernández Moreno | André Tomás Santos | Cristina Vega Maeso

### Projeto

byAR – Pedro Pereira | Patrícia Ferreira | Saeideh Shekoohi

### Design

byAR – Pedro Gonçalves | Teresa Monteiro | Pedro Matos | Thierry Aubry | Jorge Sampaio

### Produção

Stripeline – Helder Mata | Gonçalo Tomás  
byAR – Alexandra Allen | Tiago Duarte | Ruben Rebelo | Pedro Teixeira | Alberto Flores  
VPrint – Produção de imagem, Lda.

### Réplicas

Morph – Geociências | 3D Factory | Pedro Cura | Thierry Aubry | Jorge Sampaio | Marcos Terradillos

### Tradução de textos

EURO-TEXT Traductores e Intérpretes

### Fotografias, decalques e desenhos

José Javier Alcolea González | Manuel Almeida | Beatriz Alonso | Thierry Aubry | Rodrigo de Balbín Behrmann | António Fernando Barbosa | Julián Bécares | Carmen Cachom | Francisco Fabián García | Marcos García Díez | Pedro Guimarães | António Jerónimo | Miguel Angel Martín | Julián Martínez | José Javier Fernández Moreno | Marina Mosquera | Luciano Municio González | Pedro Pereira | Alejandro Plaza | Mário Reis | Olívia Rivero | José Paulo Ruas | Agustín Ruiz | María de Jesús Sanches | André Tomás Santos | Pedro Saura | Joana de Castro Teixeira

### Audiovisuais

El Maestro de Altamira AIE. | Morena Films Productions | Morph – Geociências | Plan C Creatividad sin límites S.L.

### Ilustrações

Alexandra Allen

MUSEU DE ARTE POPULAR | LISBOA | PORTUGAL  
MUSEU ARQUEOLÓGICO NACIONAL | MADRID | ESPANHA

## Pessoas e Entidades Colaboradoras |

Mariana Abreu | Maria José Albuquerque | Miguel Almeida | Alicia Ameijenda | Marian Arlegui | Benito Arnaiz | Alberto Bescos | Carmen Cacho | Andrés Carretero Pérez | Joana Carrondo | Antonio Carvalho | Adriana Chauvin | Aida Carvalho | Hipolito Collado | Dalila Correia | David Cuenca | Pedro Cura | Pilar Fatás | António Batarda Fernandes | José Antonio Fernández de Cordoba | Verónica Fernandez Navarro | Paulo Ferreira da Costa | Alejandro Fonseca | Ana Fraile | Ana Fromesta | Carlos García | Rita Gaspar | Sérgio Gomes | Isabel Leal | André Leitão | Carmen Manzano | Ana Belén Marín | Alexandra Marques | Santiago Martínez Caballero | Andrea Martins | Tania Mosquera Castro | César Neves | Marta Negro | Luís Nobre | Roberto Ontañon | Sofia Figueiredo Persson | Nuno Ramos | Ketty Ratero | Manuel Santonja | Filipa Santos | Marcelo Silvestre | Renata Talarico | Ignacio Triguero | Jesús Maria del Val Recio

Agência Portuguesa do Ambiente | Ayuntamiento de Castillejo de Martín Viejo | Ayuntamiento de Fuentes de Oñoro | Ayuntamiento de Villar de Argañán | Ayuntamiento de Villar de la Yegua | Direção Geral do Património Cultural | Hemeroteca de Castilla y León | Ministério da Cultura | Ministerio de Cultura y Deporte | Ministério da Economia e do Mar | Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior | Município de Figueira de Castelo Rodrigo | Município de Pinhel | Município da Mêda | Município de Vila Nova de Foz Côa | Turismo de Portugal | Fundación Siega Verde | ADECOCIR | Arqueologia e Património – Ricardo Teixeira & Vítor Fonseca Lda.

## Entidades Prestadoras

Gobierno Principado de Asturias. Consejería de Cultura, Política Lingüística y Turismo. Dirección General de Cultura y Patrimonio | Gobierno de Cantabria. Consejería de Universidades, Igualdad, Cultura y Deporte | Junta de Extremadura. Consejería Cultura, Turismo y Deporte. Dirección General de Bibliotecas Archivos y Patrimonio Cultural | Servicio Territorial de Cultura y Turismo de Salamanca | Servicio Territorial de Cultura y Turismo de Segovia | Museo Nacional y Centro de Investigación de Altamira | Museo de Prehistoria y Arqueología de Cantabria | Museo de Segovia | Museo de Salamanca | Museo Numantino | Museo de Burgos | Museo de la Evolución Humana | Universidad de Cantabria | Universidad de Salamanca

## CATÁLOGO

### Coordenação

Thierry Aubry | José Javier Fernández Moreno | André Tomás Santos | Cristina Vega Maeso

### Textos

José Javier Alcolea González | Thierry Aubry | Rodrigo de Balbín Behrmann | Julián Bécares Pérez | Primitiva Bueno Ramirez | José Javier Fernández Moreno | Luís Luís | Juan Antonio Martos Romero | Mário Reis | Olívia Rivero Vilá | María de Jesús Sanches | André Tomás Santos | Joana de Castro Teixeira | Carlos Vazquez Marcos | Jesús Maria del Val Recio | Cristina Vega Maeso

### Design e paginação

byAR  
Pedro Gonçalves

### Impressão

Graficas EUJOA SA

© De la Edición: Consejería de Cultura, Turismo y Deporte. Junta de Castilla y León.

© De los textos e ilustraciones: los autores

### ISBN

978-84-9718-714-5

### Depósito Legal

VA 646-2022

*In memoriam* a Bruno Navarro

ARTE SEM LIMITES

CÔA &  
SIEGA  
VERDE

The background of the page is a dark gray color, overlaid with a complex, abstract line drawing in black. The drawing consists of numerous thick, irregular lines that form various shapes and patterns, resembling a stylized map or a series of interconnected paths. The lines vary in thickness and direction, creating a sense of movement and depth. The overall composition is dense and textured.

**ÍNDICE**

- 007** Apresentação
- 013** Introdução
- 019** Grupos humanos no Vale do Douro durante o Paleolítico Superior e as primeiras manifestações artísticas
- 033** O Vale do Douro durante o Paleolítico Superior. Ambiente e modos de vida.
- 049** A arte paleolítica da bacia do Douro no contexto do Sudoeste europeu
- 067** Distribuição e contextualização da arte paleolítica ao ar livre dos conjuntos do Côa e Siega Verde.
- 081** Caracterização e evolução da arte paleolítica no Vale do Côa em Siega Verde.
- 097** Arte Finiglacial (Estilo V/Azilense). Caracterização das manifestações e contextualização dos conjuntos do Côa e Siega Verde.
- 113** Entre Espanha e Portugal. A arte esquemática na média e baixa bacia do Douro
- 135** As representações da Idade do Ferro no limite ocidental da submeseta norte: características e sua relação espacial e conceptual.
- 147** Pastores, moleiros e outras gentes. Arte rupestre de época histórica de ambos os lados da fronteira.
- 159** Vale do Côa e Siega Verde. Sítios do Património Mundial para visitar.



**CARATERIZAÇÃO E EVOLUÇÃO DA ARTE PALEOLÍTICA  
NO VALE DO CÔA E EM SIEGA VERDE**

**André Tomás Santos**

Fundação Côa Parque; UNIARQ - Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa)

**J. Javier Alcolea González**

Universidad de Alcalá

**Rodrigo De Balbín Behrmann**

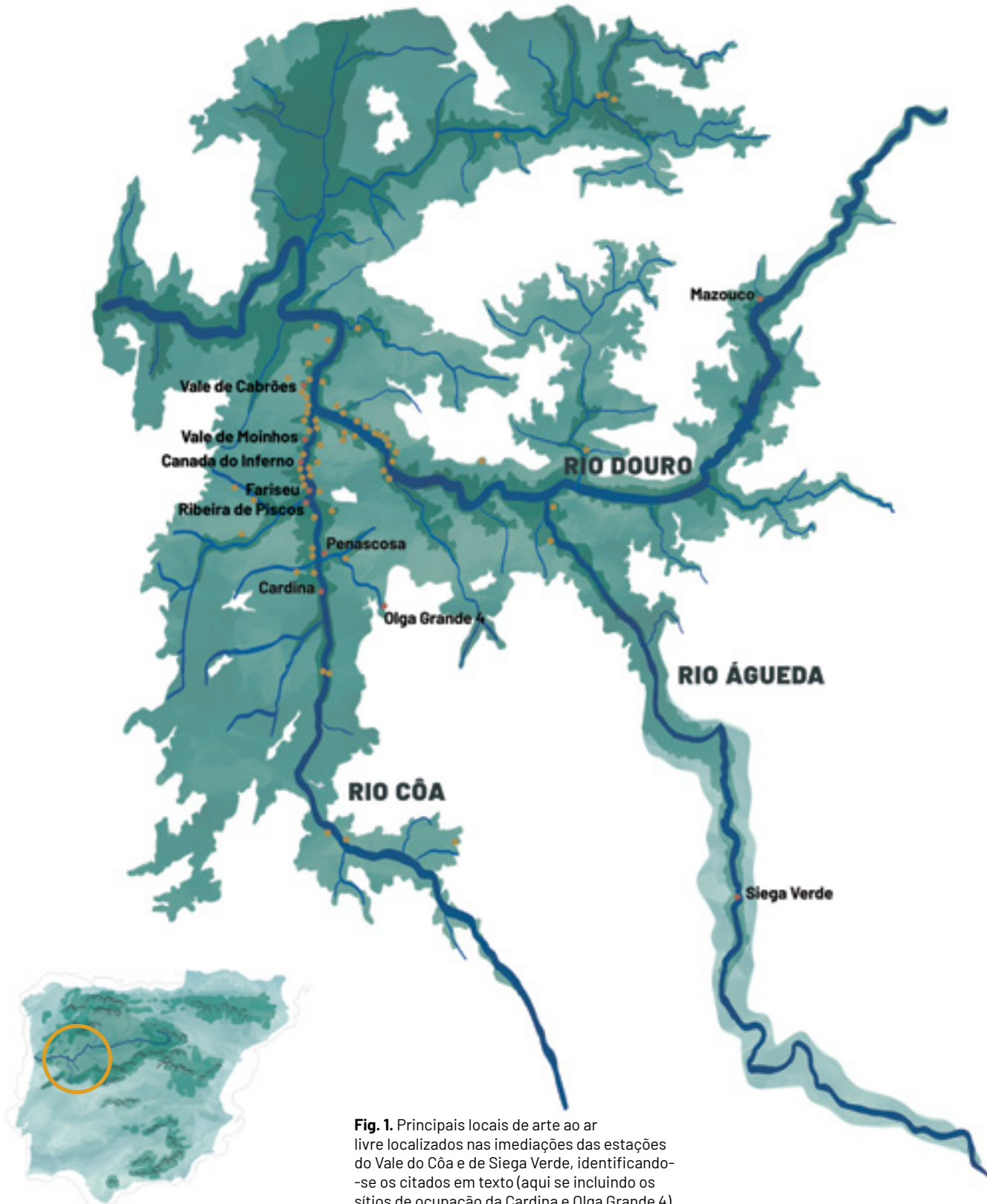
Universidad de Alcalá

Os conjuntos rupestres dos sítios do Vale do Côa e de Siega Verde são os mais importantes testemunhos que chegaram até nós da produção artística paleolítica realizada ao ar livre, sendo a sua inclusão na lista do Património Mundial perfeitamente legitimada por esta razão. Como se referiu já, no Vale do Côa encontra-se a maior concentração de sítios com arte deste período, correspondendo Siega Verde ao sítio onde se concentra o maior número de rochas gravadas por picotagem e/ou abrasão, o que faz deste sítio o mais monumentalizado dos que se conhecem atualmente.

O Vale do Côa encontra-se muito perto de Siega Verde, distanciando o Fariseu (sítio central do Vale do Côa) cerca de 50 km em linha reta do sítio salmantino. Ambos os sítios localizam-se em tributários da margem esquerda do Douro que nascem, a pouco mais de 1250 m de distância, em vertentes opostas da mesma elevação – a Serra das Mesas –, percorrendo ambos cerca de 130 km, antes de se juntarem ao Douro a menos de 16 km um do outro. A relação entre os rios não terá passado seguramente despercebida aos nossos antepassados pré-históricos.

Em ambos os conjuntos predominam as figurações dos grandes herbívoros mais representados na arte paleolítica localizada para sul da cordilheira cantábrica: o cavalo, o auroque, a cabra-montês e o veado. Estes são acompanhados por outros temas menos frequentes, como antropomorfos, camurças, ursos, bisontes, etc. A par destes, surgem igualmente diversas representações não figurativas. Em ambos os conjuntos identificam-se distintas modalidades de gravação: diversos tipos de picotagem e incisão, abrasão, raspagem e até pintura (preservada no Côa e atestada em Siega Verde) ou o baixo-relevo (apenas no Côa).

Mas frente a estas semelhanças – que em si já destacam estes sítios dos restantes da região (cf. cap. 4) – ocorrem igualmente algumas diferenças, designadamente ao nível da frequência dos animais figurados e do peso dos diferentes



**Fig. 1.** Principais locais de arte ao ar livre localizados nas imediações das estações do Vale do Côa e de Siega Verde, identificando-se os citados em texto (aqui se incluindo os sítios de ocupação da Cardina e Olga Grande 4).

ANOS CALBP	CÔA	SIEGA VERDE	LEROI- GOURHAN	GRUPO TECNOCULTURAL
45.000-42.000			Pré-figurativo	Chatelperronense
42.00-33.000			Estilo I	Aurignacense
33.000-30.000				Gravettense
30.000-23.000	Fase 1	Clássica	Estilo II	Solutrense Inferior e Médio
23.000-18.000	Fase 2		Estilo III	Solutrense Superior
18.000-15.000	Fase 3	Recente	Estilo IV	Magdalenense I e III
14.000-12.000	Fase 4	Estilo V		Magdalenense III e IV
				Magdalenense Final e Azilense

estilos e técnicas com que são representados. Algumas destas diferenças terão que ver com a preponderância em cada um dos conjuntos de determinadas fases cronológicas, outras com o facto dos dois sítios corresponderem, afinal, a dois capítulos distintos do “livro” de que se falava no ponto anterior.

**Fig. 2.** Relação entre a sequência da arte ao ar livre do Côa e Siega Verde, os estilos de Leroi-Gourhan e as cronoculturas do Paleolítico Superior europeu

## O VALE DO CÔA

A comparação, com recurso a ferramentas estatísticas, entre a morfologia de todas as figurações completas dos quatro animais mais representados da região permitiu perceber que há quatro classes distintas de cavalos e auroques e três de cabras-monteses e veados. O estudo das sobreposições em painéis com mais que uma destas classes, assim como observações de carácter geoarqueológico, permitiu perceber que o conjunto rupestre do Vale do Côa se constituiu ao longo de 4 fases.

### FASE 1

*Caraterização:* Encontram-se atualmente inventariadas 474 figuras de animais atribuídas à fase 1. Localizam-se em 70 rochas, distribuídas por dez sítios. São realizadas essencialmente por picotagem e/ou abrasão, mas a incisão está igualmente identificada. Na Faia, identificou-se pigmento vermelho no interior de traços previamente picotados de cinco cabeças de auroque e uma de cavalo. Na rocha 22 da Quinta da Barca atesta-se a utilização do baixo-relevo na configuração da cabeça de uma cabra-montês. As figuras desta fase dispõem-se geralmente em perfil absoluto, apresentando geralmente dorsos e ventres pronunciados, apenas uma pata por par sem cascos representados. Os detalhes corporais são raros, podendo ocorrer olhos figurados por pontos e bocas ou narinas lineares. As delimitações das crinas dos cavalos e dos focinhos dos auroques podem também ser representadas.



**Fig. 3.** Sector inferior da rocha 1 do Fariseu (Vale do Côa), onde se contam quase 90 animais gravados, atribuídos à fase 1 (Fotografia de Rodrigo de Balbín).

**Fig. 4.** Cavalos gravados da rocha 3 do Fariseu (Vale do Côa), atribuídos à fase 2 (Fotografia de André T. Santos; Fundação Côa Parque).



*Atribuição cronológica:* As escavações no sítio do Fariseu permitiram perceber que as figuras desta fase foram feitas antes de um episódio erosivo do vale que ocorreu num momento anterior há 23.000 anos, e que provavelmente se relacionará com uma alteração no curso do rio identificada em momento posterior a 26.000 anos atrás, tal como se verificou nas escavação da Cardina. Sabe-se, por outro lado, que as figuras deste tipo já se gravariam no Côa há 30.000 anos atrás, uma vez que se encontraram, em níveis coevos do sítio da Olga Grande 4, picos em quartzo que teriam sido utilizados na sua gravação. Os paralelos europeus para estas figuras remontam todos a períodos anteriores a 23.000 anos.

*Distribuição temática:* Nesta fase predominam os auroques (28,48%), os cavalos (20,25%) e as cabras-monteses (19,83%). Os veados vêm muito atrás, com 11,18%. Reconhecem-se ainda 7 camurças, um peixe, uma ave de rapina, um urso, uma figura não identificável e 84 quadrúpedes indeterminados. O repertório não figurativo é quase exclusivamente inciso, predominando as formas lineares e angulares.

## FASE 2

*Caraterização:* À fase 2 atribuem-se 324 figuras animais, distribuídas por 68 rochas de 20 sítios. São maioritariamente incisas (85,54%), mas a picotagem e a abrasão estão também identificadas (13,25%), conhecendo-se ainda 4 figuras raspadas. Os corpos destas figuras são agora menos possantes, a representação das quatro patas torna-se algo mais frequente, dispondo-se estas em perfil biangular oblíquo (isto é, vistas de um ângulo de 45º relativamente ao resto do corpo do animal), podendo ser rematadas por cascos de forma globular. Os detalhes anatómicos tornam-se também mais frequentes, designadamente nos focinhos dos cavalos.

*Atribuição cronológica:* São figuras que são feitas após a fase erosiva do vale referida atrás, que terá libertado muitos dos painéis onde foram feitas. Os paralelos europeus para estas figuras não parecem ser mais recentes que os 18.000 anos. Serão contemporâneas da generalidade do conjunto de Siega Verde.

*Distribuição temática:* Os cavalos são agora o tema mais representado (27,16%), a que se seguem os auroques (21,30%), os veados (16,05%), as cabras-monteses (12,04%) e as figuras humanas (3,09%). Dois felinos, duas figuras de espécie não identificada e representações isoladas de camurça, bisonte, ave e peixe completam o repertório executado *ex-nihilo*. 21,8% das figuras, são, no entanto quadrúpedes indeterminados. Ao nível do total acumulado, diminui a distância entre o auroque (26,14%) e o cavalo (21,85%), assim como entre as cabras-monteses (17,16%) e os veados (12,74%). O repertório não figurativo é exclusivamente incisivo, predominando ainda as formas lineares e angulares.

### FASE 3

*Caraterização:* Apenas 164 figuras animais são, no Vale do Côa, atribuíveis a esta fase. Distribuem-se por 29 rochas de 9 sítios do Vale do Côa. São figuras quase exclusivamente incisivas, mas a abrasão profunda está também identificada, não se reconhecendo durante esta fase qualquer figura exclusivamente picotada. Estas figuras são extremamente realistas, tendendo os seus corpos a serem muito proporcionais e definidos por bordos suaves. Detalhes anatómicos, como os olhos amendoados, narinas circulares e bocas modeladas, tornam-se comuns, assim como a representação das quatro patas em perfil "clássico". Estas tendem a ser muito modeladas, distinguindo-se as várias regiões anatómicas. A representação de cascos torna-se comum, apresentando estes uma forma naturalista. As delimitações do corpo são igualmente comuns, como sejam o M ventral dos cavalos.

*Atribuição cronológica:* Algumas sobreposições atestam a posteridade destas figuras relativamente às da fase precedente, assim como a sua anterioridade às da fase seguinte. Sabemos, por outro lado, que uma parte importante desta arte será anterior à fase de sedimentação atestada no vale há cerca de 15.000 anos atrás. A ausência no fundo do vale das figuras "hiper-realistas" que caracterizam alguns dos motivos que atribuímos a esta fase (e.g. grande auroque da rocha 32 de Vale de Cabrões, alguns cavalos da rocha 41 da Canada do Inferno) leva-nos a pensar que terão sido já feitos durante esta fase de acreção do vale. Estas nossas inferências são, por outro lado, compatíveis com as comparações estilísticas que podemos fazer com outros materiais europeus. De facto, esta fase relaciona-se



**Fig. 5.** Auroque retrospectivo, gravado na rocha 38 da Penascosa (Vale do Côa), atribuído à fase 3 (Fotografia de André T. Santos; Fundação Côa Parque).

essencialmente com o estilo IV de Leroi-Gourhan. Será, portanto, igualmente coeva de uma parte importante do conjunto rupestre de Siega Verde.

*Distribuição temática:* As figuras atribuídas a esta fase distribuem-se de uma forma muito homogénea pelas quatro espécies mais representadas: 21,95% de veados, 20,73% de cavalos, 18,90% de auroques e 18,29% de cabras-monteses. Os antropomorfos são o quinto tema mais representado. (8,54%). Duas camurças, um ser fantástico, um possível mustelídeo e um possível bisonte completam o repertório criado *ex-nihilo*. 9,15% das figuras são quadrúpedes não identificados. Durante, pelo menos o final esta fase, alguns painéis encontrar-se-ão tapados por sedimentos, pelo que o total de figuras animais visíveis durante o final desta fase não serão as 935 referidas atrás, encontrando-se seguramente uma grande parte do sítio do Fariseu e pelo menos um painel da rocha 24 de Piscos sedimentados. Assim, das 914 figuras (no máximo) que se encontrariam visíveis no vale, 24,62% consistiriam em auroques, 21,33% em cavalos, 17,61% em cabras-monteses e 14,66% em veados. Os antropomorfos são 2,52%. O repertório figurativo diversifica-se, aumentando o número de formas onduladas e triangulares, assim como de arboriformes, reticulados, triângulos, etc.

#### FASE 4

*Caraterização:* A arte rupestre deste período distribui-se por 52 dos sítios do Vale do Côa. Mais de 500 rochas conterão figuras desta fase, mas apenas 46 rochas foram estudadas. De momento, temos inventariadas 353 figuras desta fase. Estas figuras são maioritariamente incisas, mas a picotagem está igualmente atestada, assim como a raspagem e a pintura. Estas figuras apresentam corpos de forma geométrica, sendo muito frequente o seu preenchimento, especialmente por meio de traços incisivos. Os detalhes interiores dos animais são inexistentes. Os membros podem apresentar distinção entre as coxas triangulares e as canelas lineares, sendo usualmente dispostos em perfil biangular oblíquo ou reto (representados a um ângulo, respetivamente de 45 e 90º relativamente ao corpo).

*Atribuição cronológica:* O grande referente desta fase é a série móvel do Fariseu, que consiste numa coleção de 84 peças gravadas e 5 pintadas exumadas maioritariamente em camada datada de há 12.000 anos. Algumas destas figuras podem, no entanto, ser um pouco mais antigas, dados alguns paralelos com figuras datadas de momentos anteriores, que não ultrapassam, no entanto os cerca de 14.000 anos atrás. Esta arte deve-se integrar no grupo de figuras do Vale do Douro atribuído ao estilo V do qual se falará mais detalhadamente no capítulo seguinte.

*Distribuição temática:* Na amostra estudada, a maior parte das figuras correspondem a veados (34%). Seguem-se as cabras-monteses (15,58%), os cavalos (12,75%), os peixes (5,1%), os auroques (4,53%) e as figuras humanas (1,42%). Um possível canídeo, uma ave e uma camurça completam o repertório. Os quadrúpedes indeterminados apresentam uma frequência consideravelmente maior que nas fases anteriores (25,78%), reflexo não apenas o número de animais incompletos – por razões tafonómicas ou não – como é o caso das fases anteriores, mas também o elevado grau de esquematismo de muitas figuras desta fase. A profunda transformação da arte rupestre neste período atesta-se, desde logo,

quando se tem em conta que apenas com a parca amostragem desta fase, o número de figuras acumuladas no Vale do Côa (à qual há que subtrair ao número anterior, pelo menos as da rocha 1 do Fariseu que temos a certeza terem estado tapadas), o veado torna-se já a figura do Vale mais representada. Pensamos que o aprofundar do estudo da arte rupestre a par do da evolução geomorfológica do vale (que vai permitir perceber que rochas estariam tapadas durante esta fase e a anterior), vai tornar muito evidente não só o peso esmagador do veado nesta época, como também o da cabra-montês, tal como acontece na arte móvel do Fariseu e nos sítios coevos da região mais imediata do Côa (cf. cap. seguinte).

## SIEGA VERDE

*Caraterização geral:* A estação rupestre de Siega Verde (Villar de la Yegua, Villar de Argañán e Castillejo de Martín Viejo, na atual província de Salamanca) localiza-se na margem ocidental do curso médio do rio Águeda. Contrariamente aos conjuntos do Côa, trata-se de um único e extenso dispositivo gráfico de aproximadamente um quilómetro de longitude, construído sobre os afloramentos de xisto exumados pela incisão do rio no seu caminho até à sua confluência setentrional com o Douro. Encontram-se aí 91 painéis decorados nos quais se identificam 443 representações paleolíticas, assim como um grupo de figuras (11) de aparência mais moderna, atribuíveis à transição entre o Pleistocénico e o Holocénico.

No cômputo estatístico das representações de época paleolítica, destacam-se os animais (55,01% – 221), com um elenco de espécies típico dos grafismos paleolíticos europeus. Existem aqui quatro géneros principais, que se ordenam da seguinte maneira: cavalos (51%), grandes bovinos (18,4%) – estes nas suas duas variantes de auroque (16,8%) e bisonte (1,64%) –, cervídeos (12,46%) – sob a forma de veados (9%), renas (1,23%) e megaceros (1,23%) – e cabras-monteses (5,32%). Este quadro completa-se com algumas outras espécies (rinoceronte lanudo, raposa, urso ou felino) – sempre em percentagem muito menor – e três formas antropomórficas.

As representações abstratas constituem 37,3% do total de evidências gráficas. Entre elas, predominam as formas simples, sobretudo lineais, grupo



**Fig. 6.** Veados, cavalo e auroque do painel 15 de Siega Verde (Fotografia de Rodrigo de Balbín).

que vai desde meras linhas isoladas até elementos mais complexos como zigzagues ou cometas. Este sistema formalmente simples é completado por dois tipos de maior significado, tanto pela sua constância morfológica e técnica, como pelas suas peculiaridades associativas: as formas paracirculares ou ovais e os claviformes.

As técnicas de realização das figuras pertencem avassaladoramente ao campo da gravura, ainda que se tenham atestado vestígios de pintura, que terá sido utilizada para preencher sulcos picotados ou como preparação prévia de alguns painéis. Dentro da gravura, a técnica maioritária é a picotagem de contorno, que aqui não é seguida pela abrasão tão frequente na fase 1 do Côa. Mas também existe a incisão, sob diversas formas, entre as quais dominam as incisões simples e únicas.

No sítio isolaram-se duas zonas topográficas diferenciadas, cujas características variam ligeiramente e têm implicações compositivas e cronológicas. Estas duas zonas permitem-nos falar de duas fases cronológicas.

### FASE CLÁSSICA

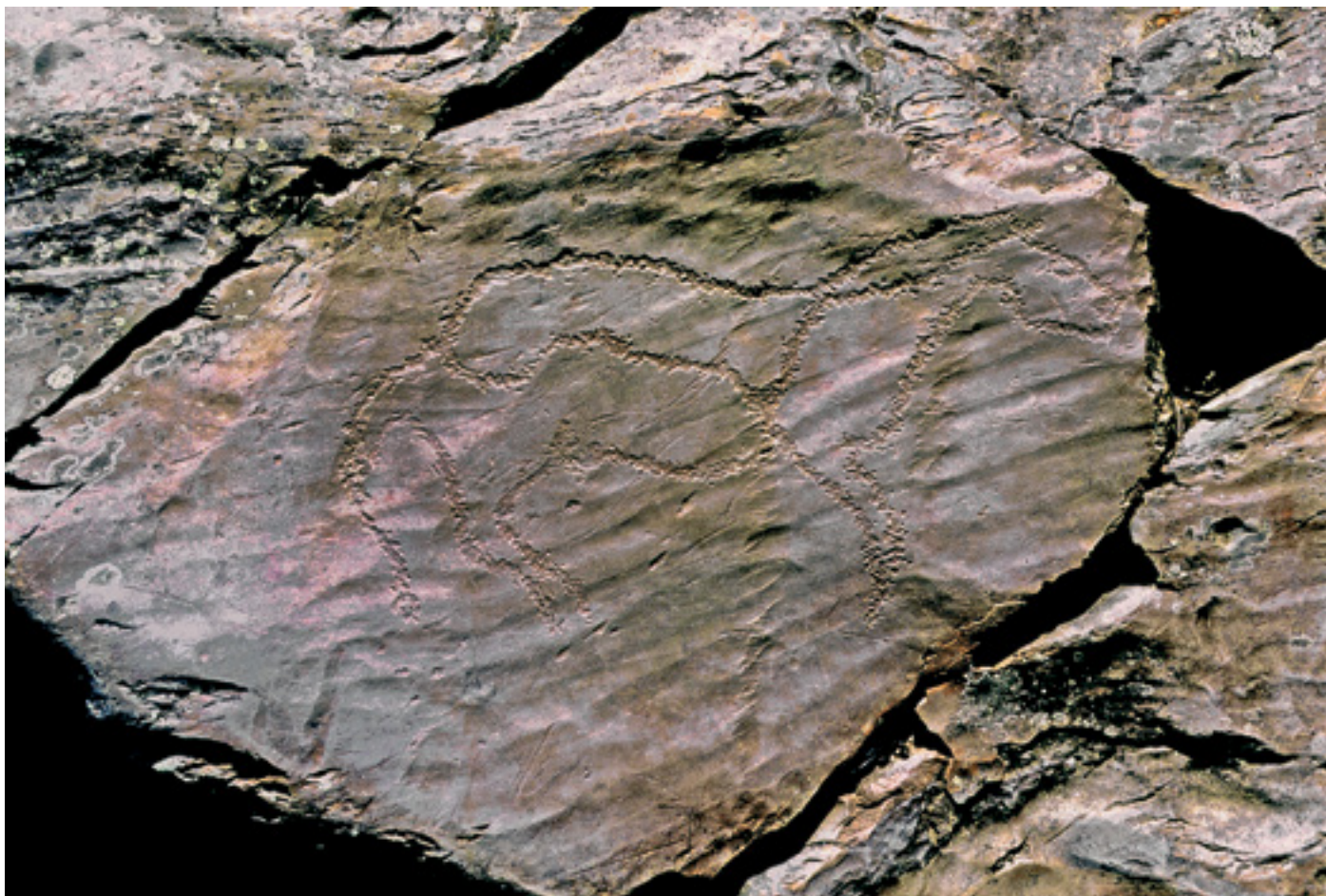
*Temas, técnicas, estilo e composição:* Esta fase localiza-se na zona sul-central do sítio e distribui-se pela principal concentração de painéis decorados (1 a 53), estendendo-se ao longo de 700 m. Caracteriza-se pela utilização intensiva de superfícies verticais de xisto situadas sobre a superfície do leito de cheia do rio Águeda, orientadas maioritariamente a este.

Tematicamente, adequa-se bastante bem às proporções estatísticas referidas acima, mostrando as técnicas um maior equilíbrio entre picotagem e abrasão, predominando a primeira entre os animais e a segunda entre as formas abstratas simples. Existem alguns fatores de seleção tecnotemática, como os que afetam as representações de cervídeos e capríneos, frequentemente incisadas, contrariamente a auroques e cavalos, quase sempre picotados. O mesmo ocorre com os signos claviformes e ovais, que se associam sempre à picotagem.

As representações figurativas tendem a cingir-se ao contorno, com um ênfase especial nas zonas capitais e alguma despreocupação pelas extremidades. Os animais tendem a ser alongados, sobretudo os gravados por picotagem. O nível de detalhe e de convencionalismo é baixo, afetando sobretudo as zonas capitais e plasmando-se geralmente em soluções lineais.

Este modelo é particularmente aplicável a cavalos e auroques. Os primeiros aparecem frequentemente compartimentados por delimitações ventrais arcaicas, rematados por crineiras duplas terminadas em ângulo e com olhos semi-circulares adossados à frente. Os auroques representam-se com cornos lineais em perspetiva correta ou biangular oblíqua, delimitações lineais nos focinhos, e olhos similares aos dos equídeos. Alguns animais, como cabras-monteses e veados, parecem ter um maior grau de sofisticação gráfica, ainda que apenas quando aparecem incisos e em tamanhos mais reduzidos.

As peculiaridades das figuras de animais desta fase completam-se com outras características, dependentes em parte da técnica utilizada. Existe uma diferença recorrente entre o tamanho dos grandes animais picotados e as pequenas figuras incisadas, normalmente enquadráveis no campo manual do artis-



ta. Esta diferença explica porque é que os cavalos e os auroques são realizados quase sempre em tamanhos grandes, enquanto que os temas quantitativamente secundários, como cabras-monteses ou cervas, são mais pequenos.

As características compositivas desta primeira fase (que, com alguns matizes, são as mesmas que as documentadas na Fase Recente) adaptam-se a esquemas bastante clássicos dentro da arte paleolítica, e diferem de algumas muito comuns no Vale do Côa, como sejam a construção de painéis mediante a sobreposição intensiva de figuras. A evidente delimitação física dos painéis, e a consequente facilidade para isolar as composições gráficas, permitiu-nos documentar a existência de um claro modelo associativo. Este propõe como centro do discurso as grandes figuras picotadas de auroques e cavalos, complementadas lateralmente por cervídeos e capríneos incisos e de menores dimensões. O modelo completa-se com signos que se associam interna e repetidamente aos temas centrais (claviformes-cavalos, ovais-bovinos). Esta estrutura associativa é acompanhada, em alguns painéis da área central da estação, por figuras que partilham partes anatómicas (bordos dorsais, cabeças, armações) como recurso compositivo original, similar à peculiar forma de multiplicação de cabeças do vizinho Côa, aqui praticamente ausente.

**Fig. 7.** Cavalo da descoberta, de Siega Verde (Fotografia de Rodrigo de Balbin).



**Fig. 8.** Auroque e cavalo do painel 21 de Siega Verde (Fotografia de Rodrigo de Balbín).

*Atribuição cronológica:* Contrariamente ao vizinhos Vale do Côa, Siega Verde carece atualmente de um contexto arqueológico ou sedimentológico que nos permita uma aproximação cronométrica mais direta, de forma que devemos recorrer necessariamente aos procedimentos estilísticos para inferirmos a sua cronologia.

As características estilísticas e morfológicas da fase clássica apontam para uma fase média, nem muito arcaica nem muito evoluída da arte paleolítica. Entre os elementos de raiz arcaica, encontramos o cânone construtivo de muitas figuras, com alargamentos “excessivos” do corpo, o escasso detalhismo, a despreocupação pelas extremidades ou a resolução da perspetiva maioritariamente em perfil absoluto. Não obstante, todas estas características estão acompanhadas por outras de aspeto mais avançado, como a presença de delimitações ventrais, peito-faciais ou capitais, ou a suavidade dos bordos dorsais dos animais.

Estas características levam-nos a advogar que estas figuras se situam na época do incremento da realização das delimitações corporais, na transição entre o período figurativo-sintético e figurativo-analítico de Leroi-Gourhan ou, em termos mais “atuais”, no momento de transição entre os mundos dos grafismos pré-magdalenenses e magdalenenses. Isto é, entre o Solutrense e o Magdale-

nense, dentro das linhas do estilo III avançado e os inícios do IV antigo de Leroi-Gourhan. A sua paralelização com as séries do Côa é problemática já que, hipoteticamente, deveria corresponder-se com a sua Fase 2, mas as grandes diferenças técnicas e associativas documentadas entre ambos os lugares impedem uma comparação estilística efetiva.

### **FASE RECENTE**

*Temas, técnicas, estilo e composição:* A segunda fase cronológica documentada em Siega Verde ocupa os últimos 200 m de desenvolvimento da estação na sua zona norte, e os painéis numerados do 54 ao 91. Nesta zona, os aflorescimentos têm uma morfologia geral distinta, fruto da existência de um complexo sistema de terraços rochosos, com superfícies de orientação zenital e outras faces de menor dimensão, verticais e orientadas a este, tendo todas elas sido usadas para gravar.

Caraterizando-se por um panorama muito similar ao descrito anteriormente, existe aqui um elemento temático ligeiramente mais variado, incorporando a maioria de exemplos da fauna exótica do conjunto (renas, rinocerontes lanudos, felinos e ursos), ainda que outros temas marginais, como megaceros ou antropomorfos, desapareçam aqui totalmente. Inversamente, os signos apresentam aqui menor variedade, limitando-se quase exclusivamente a claviformes e algum esquema oval ou circular. Isto relaciona-se diretamente com a técnica desta fase, na qual a picotagem é quase exclusiva, documentando-se apenas uma figura incisa nos 37 painéis existentes.

As mudanças mais evidentes dão-se no campo estilístico. Por um lado, generalizam-se as delimitações e os modelados mais conformes aos clássicos da arte paleolítica, como os M's ventrais dos cavalos, e desaparecem quase por completo os procedimentos arcaicos, como as crineiras em degrau dos cavalos ou os olhos adossados à frente de bovinos e equinos. Por outro lado, e apesar da utilização exclusiva da picotagem, o tamanho dos temas reduz-se em valor absoluto, conseguindo-se agora motivos mais equilibrados. Não obstante, a variação de tamanhos por temas mantém-se, representando-se os caprinos e os cervídeos com dimensões menores que cavalos e auroques.

Ainda que se mantenha a centralidade de auroques e cavalos, desaparece agora a peculiar estrutura que combina incisão e picotagem nos painéis da fase clássica. Incorpora-se, não obstante, uma prática desconhecida antes, a construção de cenas no sentido estrito e atual do termo. Nelas plasma-se sempre a mesma "história": um carnívoro (felino ou urso) acossa, desde uma posição mais elevada, um ou vários herbívoros (cavalos ou cabras-monteses).

*Atribuição cronológica:* As caraterísticas distintas da fase recente de Siega Verde, como a redução geral do tamanho das figuras e o melhoramento das proporções das figuras, a presença de alguns modelados clássicos, como os arquetípicos M's ventrais dos cavalos, a multiplicação de animais exóticos ou a implementação de cenas narrativas, apontam para um real avanço cronológico relativamente à Fase clássica do conjunto. Algumas destas caraterísticas são bem conhecidas em outros dispositivos rupestres do centro peninsular, e também no vizinho Côa, onde se sinalizaram na sua Fase 3, ainda que aqui continue a verificar-se uma diferenciação técnica básica (Côa-incisão/ Siega Verde-picotagem).

Todos estes aspetos permitem-nos situar esta zona do sítio num incipiente estilo IV antigo de Leroi-Gourhan, ainda que faltem alguns traços próprios, como o minucioso detalhismo “naturalista” das representações. Esta facto está relacionado possivelmente com a realização das figuras mediante picotagem, técnica pouco apta ao detalhe. Não obstante, e como assinalámos noutras ocasiões, a Fase Recente não significa uma ruptura com o conhecido no centro e sul da estação, como testemunha a manutenção do sistema geral de signos abstratos (claviformes/ ovais) ou o mesmo procedimento associativo geral.

## RELACÃO ENTRE O VALE DO CÔA E SIEGA VERDE

Como já se disse, o Vale do Côa distingue-se de Siega Verde essencialmente pela sua escala. Siega Verde é um sítio que se distribui ao longo de cerca de 1 km e o Vale do Côa é um conjunto de sítios distribuídos por um território bem mais amplo. A esta maior amplitude espacial corresponde também uma maior amplitude cronológica do Côa, ou pelo menos uma distribuição mais equilibrada do seu repertório pelos tempos paleolíticos. Assim, por exemplo, imagens de Siega Verde coevas da fase 1 do Côa, embora existam, são raras, sendo a maior parte das figuras de Siega Verde muito possivelmente contemporâneas das fases 2 e 3 do Vale do Côa. Contudo, como acima se referiu, entre as imagens de Siega Verde e as desta fase do Vale do Côa existem também diferenças. Desde logo, aquelas são essencialmente picotadas e as do Côa são essencialmente incisas.

Contudo, existem também no Vale do Côa algumas figuras picotadas muito semelhantes às de Siega Verde. Veja-se o exemplo das rochas 12 e 22 da Canada do Inferno, das rochas 3 e 5 do Fariseu, do bisonte da rocha 3 de Vale de Moinhos ou da rocha 37 da Penascosa, recentemente descoberta. Simplesmente, a concentração deste tipo de figuras é muito maior em Siega Verde. A grande questão é porquê?

Ora, o que parece acontecer é que muitas das rochas do Vale do Côa gravadas durante esta(s) fase(s) específicas devem encontrar-se atualmente sedimentadas, muito particularmente as do seu “fácies monumental”. De facto, os trabalhos geoarqueológicos que se têm desenvolvido no Vale do Côa têm vindo a demonstrar a existência de uma fase de erosão sedimentar no Vale entre a execução das figuras da fase 1 e as da fase 2, assim como a de vários períodos subsequentes de sedimentação.

Sabemos, por exemplo que no sítio da Penascosa se encontram atualmente pelo menos 5 m de sedimentos que aí começaram a ser depositados há 6000 anos atrás. E, de facto, recentes escavações realizadas no sítio vieram a demonstrar a existência de várias rochas gravadas no sítio atualmente sedimentadas, sendo todas elas das fases 2 e 3, apresentando ainda uma delas (a rocha 37) uma cabramontês picotada com evidentes paralelismos com figuras de Siega Verde.

Em suma, no Vale do Côa existem algumas figuras muito parecidas com as picotadas de Siega Verde, mas muitas mais existirão seguramente sob os sedimentos que se depositaram no Vale após a sua execução.

Outra grande diferença entre os sítios do Vale do Côa e o de Siega Verde prende-se com a frequência entre os animais mais representados nos respetivos conjuntos. Embora em ambos os casos, o repertório seja dominado pelos mesmos animais: cavalos, auroques, veados e cabras-monteses, a sua distribuição é muito diferente em ambos os conjuntos. Assim, os cavalos dominam largamente em Siega Verde com mais de metade das figuras animais.

Já no Côa, enquanto o auroque se mantém sempre a figura dominante, a sua distância para os cavalos não é significativa. As cabras-monteses chegam a aproximar-se do número destes durante a fase antiga e quando chegamos ao final da fase 3 – momento durante o qual podemos comparar de forma mais segura o conjunto de Siega Verde com o do Côa – a distância entre a figura mais representada no Côa (o auroque) e a menos representada destas quatro (o cervídeo) é de menos de 10%.

Este extraordinário equilíbrio entre espécies animais que se verifica no Vale do Côa, que contrasta grandemente com o domínio muito significativo de uma só espécie que ocorre em Siega Verde (e em todos os restantes sítios da região) deve-se, muito provavelmente, aos diferentes papéis desempenhados por estes sítios durante o Paleolítico Superior. O Vale do Côa deve ter sido, ao longo de todo este período da Pré-história, um importante centro de agregação de caçadores-recolectores provenientes de diversos territórios distribuídos por uma área de cerca de 200 km em seu torno, como pode ser testemunhado pelas matérias-primas sob as quais se talharam os utensílios líticos descobertos durante as escavações realizadas em diversos sítios arqueológicos do vale. De facto, como se referiu já, estas são provenientes de fontes que se distribuem pelo interior desta imensa área que vai do litoral português às faldas orientais da Cordilheira Central. Siega Verde, por outro lado, parece relacionar-se de forma muito óbvia com um vau do rio Águeda. Muito provavelmente, o repertório gráfico aí existente, em que cavalo e veado são espécies preponderantes, reflete a ligação de um grupo local àquele sítio particular. A arte do Côa, por outro lado, mais que a relação de um grupo local a uma paisagem, reflete a ligação de vários grupos – locais e não locais – a uma paisagem à qual acorreriam periodicamente. O Côa seria, assim, um centro de relação e conexão entre esses diversos grupos.

## BIBLIOGRAFIA

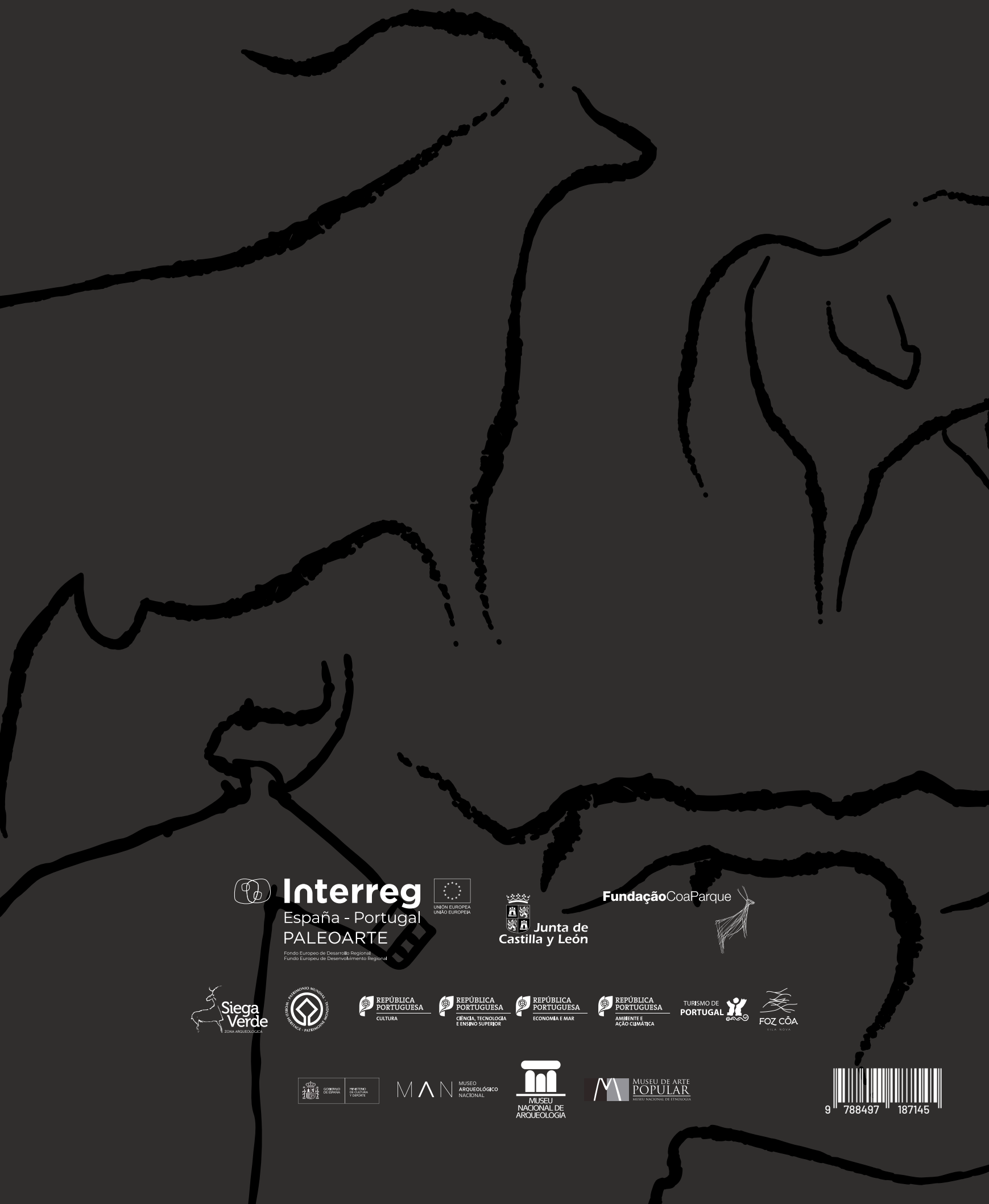
- Alcolea-González, J.J., Balbín-Behrmann, R. de (2006): *Arte Paleolítico al aire libre. El yacimiento rupestre de Siega Verde, Salamanca*. Arqueología en Castilla y León, 16. Junta de Castilla y León. Valladolid.
- (2007): "C<sup>14</sup> et Style. La chronologie de l'art pariétal à l'heure actuelle». *L'Anthropologie* 111: 435-466
- (2007b): "Le gisement rupestre de Siega Verde, Salamanque. Une vision de synthèse». *L'Anthropologie* 111: 501-548
- (2013): "El Arte rupestre Paleolítico del interior peninsular. *Arte sin artistas, una mirada al Paleolítico*. Museo Arqueológico Regional. Comunidad de Madrid: 187-207
- Aubry, T. et al. (2020): «Fluvial dynamics and Palaeolithic settlement: new data from the Côa Valley (Portugal)», in Rodríguez Alvarez, X. P.; Otte, M.; Lombera Hermida, A. & Fábregas Valcarce, R. (eds.), *Palaeolithic of Northwest Iberia and beyond: multidisciplinary approaches to the analysis of Late Quaternary hunter-gatherer societies*, Paris: Publications scientifiques du Muséum & l'Académie des sciences [Comptes rendus Palevol, 19(7)]:117-135.
- Aubry, T. et al. (2020): "Timing of the Middle-to-Upper Palaeolithic transition in the Iberian inland (Cardina-Salto do Boi, Côa Valley, Portugal)", *Quaternary Research*, 98: 81-101.
- Aubry, T.; Santos, A. T. & Luís, L. (2014): «Stratigraphies du panneau 1 de Fariseu: analyse structurelle d'un système graphique paléolithique à l'air libre de la vallée du Côa (Portugal)», in Paillet, P. (ed.), *Les arts de la Préhistoire: micro-analyses, mises en contextes et conservation. Actes du colloque «Micro-analyses et datations de l'art préhistorique dans son contexte archéologique», MADAPCA – Paris, 16-18 novembre 2011, Les Eyzies: SAMRA [Paleo, numéro spécial] : 259-270.*
- Balbín-Behrmann R. de. (2009): *El Arte Rupestre Paleolítico al aire libre en la Península Ibérica*, in Balbín R. de (ed.), *Arte Prehistórico al aire libre en el Sur de Europa*. Actas. PAHIS. Junta de Castilla y León.
- Balbín-Behrmann, R. de, Alcolea-González, J.J. (2009): *Les colorants de l'art paléolithique dans les grottes et en plein air*. *L'Anthropologie* 113: 559-601.
- (2021): *Siega Verde and the open-air rock art of the northern Iberian Peninsula (Spain)*. *Comptes Rendus Palevol* 20(24): 507-538
- Bueno Ramírez, P.; Balbín Behrmann, R. & Alcolea González, J. J. (2007): "Style V dans le bassin du Douro. Tradition et changement dans les graphies des chasseurs du Paléolithique Supérieur européen», *L'Anthropologie*, 111, pp. 549-589.
- Leroi- Gourhan, A. (1971): *Préhistoire de l'Art Occidental*. 2<sup>a</sup> edición aumentada, Mazenod. París.

Plisson, H. (2009): "Analyse tracéologique de 4 pics d'Olga Grande: des outils pour les gravures de plein air?"; in Aubry, T. (ed.), *200 séculos de história do Vale do Côa: Incursões na vida quotidiana dos caçadores-artistas do Paleolítico*, Lisboa: IGESPAR, I. P. [Trabalhos de Arqueologia, 52], pp. 436-443.

Santos, A.T. (2019): *A arte paleolítica ao ar livre da bacia do Douro à margem direita do Tejo: uma visão de conjunto*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses (Monografias Arqueológicas, 9).

Santos, A. T.; et al. (2018): "O final do ciclo gráfico paleolítico do Vale do Côa: a arte móvel do Fariseu (Muxagata, Vila Nova de Foz Côa)", *Portvgalia*, 39, pp. 5-96.

(2020): "Trabalhos de documentação de arte paleolítica realizados no âmbito do projeto PalæoCôa", in ARNAUD, J. M.; NEVES, C. & MARTINS, A. (eds.), *Arqueologia em Portugal 2020 - Estado da Questão*, Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 523-536.



**Interreg**  
Espanña - Portugal  
**PALEOARTE**

Fondo Europeo de Desarrollo Regional  
Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional



  
**Junta de  
Castilla y León**

**Fundação CoaParque**



**MAN** MUSEO ARQUEOLÓGICO NACIONAL



**MUSEU DE ARTE POPULAR**  
MUSEU NACIONAL DE ETNOLOGIA



9 788497 187145